ESPECIAL

TROFÉUS LUSO-FRANCESES

Cristina Bernardo

Portugal e França estão cada vez mais interligados

MANUEL RIFER
mrifer@jornaleconomico.pt

O volume e o peso das relações comerciais de Portugal com França tem aumentado nos últimos anos, significando uma maior interligação entre as duas economias. Ao tradicional investimento de pendor mais industrial, que é relevante e que se mantém, nota-se o incremento forte nos serviços. É verdade que há um interesse crescente pelo investimento em Portugal na área dos *Business Service Centers*, devido à reconhecida capacidade técnica instalada e ao preço competitivo. Depois, claro, o crescente fluxo turístico define a tendência.

Segundo a AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, a França é já o segundo maior mercado para as exportações portuguesas, a seguir à Espanha, tendo ultrapassado a Alemanha. Absorve 3,4% das exportações portuguesas. Cerca de 60% do valor exportado para o mercado francês foram bens e 40% foram serviços. Por outro lado, a França é o terceiro fornecedor de Portugal, representando 8% das importações. A balança comercial é superavitária e o diferencial tem aumentado desde 2013, chegando aos 4,85 mil milhões de euros.

Automóveis como principal mercadoria

Do lado dos bens, a França manteve no ano passado a segunda posição entre os clientes de Portugal, representando 12,5% deste tipo de exportações. O que exporta Portugal? Veículos e outro material de transporte (representa 17% das vendas), máquinas e aparelhos, metais comuns, plásticos e borracha e calçado. Em conjunto, estes itens representaram mais de metade do total.

Na volta do correio, ainda neste segmento de bens, a França ocupou a terceira posição entre os fornecedores de Portugal, representando 7,4% das importações.

Já no caso dos serviços, diz a AICEP que "o mercado francês tornou-se o primeiro cliente dos serviços portugueses em 2017", representando 15% do total exportado por Portugal. Manteve o terceiro lugar enquanto fornecedor de serviços, com um peso de 9,1% do total importado.

A explicação desta evolução é o *boom* turístico que se tem vivido em Portugal. Segundo o Banco de Portugal, as viagens e o turismo foram os principais responsáveis para o saldo positivo da balança de serviços, entre Portugal e a França, no ano passado, representando 54,6% do total dos serviços exportados.

A rede portuguesa de empresas

Nota para uma questão: o aumento das trocas comerciais entre os dois países está diretamente ligado ao aumento do investimento direto, especialmente da França em Portugal. Empresas francesas instaladas em Portugal exportam para França e também compram bens e serviços gauleses.

Diz a AICEP que "os incentivos fiscais e a flexibilidade introduzida na legislação laboral são muito apreciados pelas empresas e agentes económicos franceses. Para além destas medidas, a proximidade geográfica, cultural, a facilidade de comunicação, a estabilidade política e o esforço de recuperação económica do país, bem como o reconhecimento e prestígio da comunidade portuguesa em França". E é este último ponto que também pesa nas relações: uma rede de cerca de 45 mil empresas de matriz portuguesa espalhadas por todo o território de França, que consomem e projetam Portugal. ●

ANÁLISE

À descoberta de um certo 'je ne sais quoi' português

A França é atualmente um dos maiores investidores estrangeiros em Portugal e as empresas gaulesas instaladas no país respondem por um assinalável volume de negócios agregado e por vários milhares de postos de trabalho. Com tendência para crescer.

ANTÓNIO FREITAS DE SOUSA
E MANUEL RIFER
afsousa@jornaleconomico.pt

A Chauffeur Privé é uma das maiores empresas de mobilidade e transporte urbano em França – uma espécie de Uber gaulesa que constitui também a mais recente aposta de uma empresa originária daquele país em Portugal. É apenas um dos últimos exemplos de uma cada vez mais longa série de investimentos diretos franceses em Portugal – que demonstram bem até que ponto o país ibérico passou repentinamente a estar na *short list* das opções de internacionalização dos empresários gauleses.

Segundo dados da Câmara de Comércio e Indústria Luso-francesa (CCILF), "a França é atualmente um dos primeiros investidores estrangeiros em Portugal: de facto, existem cerca de 750 empresas de capital francês instaladas no país, que faturam um volume de negócios de 9,5 mil milhões de euros e empregam cerca de 60 mil pessoas, em sectores tão variados como a química, o equipamento automóvel, o setor elétrico e eletrónico, o agro-alimentar, os moldes, a marroquinaria a cortiça e o têxtil", sem esquecer os vinhos – para onde, nos últimos anos, têm convergido uma série de interesses, nomeadamente no que diz respeito à região demarcada do Douro.

A Lauak; a aquisição da ANA, empresa responsável pela gestão dos aeroportos em Portugal, pelo grupo Vinci; a entrada da Altice no mercado português, através da aquisição da operação da antiga Portugal Telecom; a Mecachrome, os 150 milhões de euros a aplicar pela Renault em Cacia, são apenas alguns dos exemplos – porventura, os mais sonantes – que se encontram em território nacional de investimentos franceses.

Existem cerca de 750 empresas de capital francês instaladas no país, que faturam 9,5 mil milhões de euros e empregam cerca de 60 mil pessoas

O segundo maior investidor

No ano passado, a França foi o segundo maior investidor em Portugal, com 773,1 milhões de euros de investimento líquido, o que traduz um crescimento de 140% face a 2016, o valor mais elevado registado nos últimos cinco anos, segundo os dados da AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal. Em valor bruto, o investimento direto de França em Portugal "ascendeu a perto de 6,7 mil milhões de euros no final de 2017, representando 5,6% do total captado por Portugal".

"A França é, tradicionalmente, um dos maiores investidores estrangeiros em Portugal. Trata-se de investimentos que têm vindo a implantar-se desde há décadas e com a característica de incidirem mais na área industrial e produtiva do que nos serviços, embora também nesta área se verifique uma presença em Portugal de grande dimensão, com especial desenvolvimento nos últimos anos", refere a AICEP.

Estima-se que estejam instaladas em Portugal cerca de 750 empresas com capitais franceses, das quais 600 são filiais de empresas francesas (36 dos 40 grupos franceses do índice bolsista CAC 40 estão presentes em Portugal),

Uma casa francesa em Portugal

Como não podia deixar de ser, os

Foto cedida

investidores gauleses seguem a 'moda' – ou, dito de outra forma, as oportunidades de investimento – que o mercado nacional oferece, não sendo por isso de admirar que, em 2017, um quinto dos bens imobiliários em Portugal tenham sido comprados por estrangeiros. A lista dos investidores – que muitos acham que é liderada pelos chineses – tem à frente franceses, que representam 29% do total de imóveis comprados por não residentes, de acordo com os dados do Gabinete de Estudos da Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária de Portugal (APEMIP).

O tipo de compra que os franceses fazem é, em média, um apartamento T2 ou T3 no Porto em Lisboa ou no Algarve. Para o sector, o que os franceses procuram – num país que até há alguns anos era profundamente francófilo, muito mais que anglófilo, herança que não se perdeu totalmente – é, de algum modo, o mesmo que os outros: um muito cómodo ambiente fiscal.

O país oferece aos interessados um estatuto de residente não habitual muito atrativo, o que faz com que cidadãos estrangeiros procurem casa vez mais o país e sejam dos principais compradores estrangeiros em Portugal: inexistência de imposto sobre a fortuna (e sobre a sucessão e herança de bens localizados fora de Portugal), isenção de impostos sobre os rendimentos obtidos fora do país, etc.

Investimento com alguma reciprocidade

Mas este investimento tem outra virtude: a aproximação entre os empresários dos dois países. É nesse quadro que a Câmara de Comércio realizou mais um encontro cujo tema principal era o investimento na África francófona: Argélia, Costa do Marfim, Marrocos e Senegal. As portas que se abrem por via da cooperação com os empresários franceses podem ser importantes. Nomeadamente, porque a proximidade com Marrocos e a Argélia – onde já há vários investimentos portugueses – foi sempre um fator de alavancagem (nos setores da energia e dos componentes automóveis, por exemplo). Mas também porque um dos principais destinos da internacionalização portuguesa, Angola, pode estar, para as empresas de determinada dimensão, com tráfego a mais.

Em valor bruto, o investimento direto de França em Portugal ascendeu a perto de 6,7 mil milhões de euros no final de 2017, representando 5,6% do total captado

A instalação de empresas portuguesas em território francês não tem acompanhado, de qualquer modo, o interesse inverso. Mas há neste momento várias empresas do setor da construção civil com importantes interesses instalados em França – para onde convergiram, principalmente nos tempos da intervenção da 'Troika', muitos trabalhadores que não encontravam emprego em Portugal. Segundo o Banco de Portugal, em 2017, os fluxos de investimento direto de Portugal em França, em termos líquidos, foram negativos em 35,2 milhões de euros, depois de terem sido positivos em 117,6 milhões de euros em 2016. Em termos acumulados, o investimento direto de Portugal em França totalizou perto de 1,2 mil milhões de euros no final de 2017.

E se no território gaulês continua a viver 'um mar' de portugueses, o certo é que, em Portugal, há cada vez mais franceses. Segundo as estatísticas, a presença de franceses em território nacional, num quadro liderado por brasileiros, ainda não é especialmente relevante – estão bem à frente origens como os PALOP ou algumas comunidades de leste europeu.

O problema é que as estatísticas divergem: a acreditar na União de Franceses no Estrangeiro, uma associação que dá apoio aos recém-chegados, o número de inscritos nos serviços consulares é bem mais parco que os cerca de 40 mil franceses a viver em Portugal contabilizados pela organização.

Seja como for, nada indica que o bom momento das relações a todos os níveis entre Portugal e a França venha a sentir qualquer retrocesso. No limite, pode ser que os portugueses regressem aos poucos à antiga tradição da francofilia. ●

PUB

ESTRUTURAS PERFEITAS POR NATUREZA

EDIFÍCIOS

PONTES E VIADUTOS

HABITAÇÃO

PROJETOS ESPECIAIS

Temos um só objetivo. Construir estruturas perfeitas, tal como na Natureza.
O nosso processo de trabalho tem sido consolidado continuamente ao longo destes mais de 40 anos e está bem estruturado e definido, é assente no conhecimento técnico, numa equipa experiente e em tecnologia sustentável e sempre atualizada, tudo aliado ao máximo rigor e qualidade.
Concebemos, projetamos, produzimos e montamos soluções pré-fabricadas de betão que dão corpo aos desafios mais arrojados e exigentes.

PROJETO | AVALIAÇÃO | DIMENSIONAMENTO | PREPARAÇÃO | PRODUÇÃO

VIGOBLOCO
PRÉ-FABRICADOS

T +351 249 580 040 | Estrada Principal de Urqueira | 2435-715 Urqueira | PORTUGAL | vigobloco.pt

PME líder

ENTREVISTA CARLOS AGUIAR Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa

"Esperamos que a economia cresça mais e que reduza a dívida"

Carlos Aguiar considera que Portugal tem sabido atrair os cidadãos e o capital francês para relações de longo prazo. Mesmo identificando problemas, afirma-se otimista no contínuo reforço desta tendência.

RICARDO SANTOS FERREIRA
rsferreira@jornaleconomico.pt

O investimento francês em Portugal continuou a aumentar durante os últimos anos e o presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa (CCILF) acredita na manutenção da tendência. "Temos sabido atrair pessoas e empresas francesas de diferentes dimensões e sectores" diz, em entrevista ao Jornal Económico. "Estou otimista", acrescenta.

Os troféus da CCILF fazem 25 anos. Como avalia o desenvolvimento desta iniciativa?

Eu atrever-me-ia a vaticinar que esta iniciativa irá celebrar os 50 anos em 2043! No ano passado, celebramos os 130 anos desta Câmara [de Comércio e Indústria Luso-Francesa], numa gala presidida pelo senhor Presidente da República.

A estabilidade e a relevância desta nossa instituição no desenvolvimento e na consolidação dos laços económicos e imateriais entre as empresas e os cidadãos destas duas velhas nações europeias, contribuem para que os troféus tenham tido uma adesão crescente de muitos – e não apenas em Lisboa e no Porto –, como candidatos, como patrocinadores, como membros independentes do júri, ou como simples participantes.

Neste quarto de século, como evoluiu a presença das empresas francesas em Portugal?

A Câmara [de Comércio e Indústria Luso-Francesa] acompanha, sobretudo, pequenas e médias empresas francesas que queiram estabelecer laços comerciais ou investirem em Portugal. E promove também a França junto de portugueses e empresas portuguesas interessados em implantar-se em França, de várias formas.

É do domínio público o forte incremento do investimento francês em todo o território de Portugal nos últimos anos.

O nosso país tem sabido atrair pessoas e empresas francesas de diferentes dimensões e sectores, que se instalam de forma estável e numa perspetiva de longo prazo.

A par com a Espanha e a Alemanha, a França ocupa uma posição cimeira no plano das trocas comerciais e do investimento em Portugal.

E fá-lo de uma forma continuada e sustentada. A presença francesa na nossa economia é bem mais antiga do que a deste último quarto de século e manteve-se mesmo em períodos mais conturbados da nossa história recente.

Os indicadores de que disponho permitem continuar a ser otimista quanto a essa presença crescente.

Para além das condições de vida muito favoráveis que o país oferece, e que são muito valorizadas pelos estrangeiros que nos procuram, a credibilidade do país em termos económicos tem vindo a acentuar-se: crescimento económico aceitável – ainda que insuficiente; défice público em acentuada queda; tendência descendente da dívida [externa], ainda que muito alta; redução acentuada do desemprego; dinâmica das exportações – sendo que a meta de representarem 50% do PIB é plausível nos próximos anos, quando em 2017 estão já perto dos 42%; e melhoria das perspetivas do país pelas agências de *rating*, são fatores que naturalmente contribuem para esse fundado otimismo.

> "A nível interno, há constrangimentos e riscos de que os investidores – e os governantes – estão certamente conscientes

E como evoluíram as relações entre os dois países?

Não sou analista político, mas a perceção dominante parece ser a de dois países muito homogéneos e próximos geograficamente, com passados históricos de que muito se orgulham, que convergiram e divergiram ao longo dos séculos, mas, presentemente, com uma visão e uma atuação alinhadas perante os desafios e as tensões que se colocam entre o sul e o norte e o oeste e o leste da União Europeia, e até já no seio da zona euro.

Parece haver sintonia entre as lideranças dos dois países, que vem de trás, e que tem sido, aparentemente, incólume às mudanças de cor política dos governos que se foram sucedendo em ambos.

E nunca é demais salientar a importância, consolidada ao longo de 60 anos, de gerações de luso-descendentes em França, que são um elo de ligação muito importante na concretização dos fluxos de trocas comerciais e de investimento entre ambos os países.

Como evoluiu o investimento estrangeiro em Portugal nos últimos anos e qual a tendência de desenvolvimento?

Sem dispor de dados precisos, nos últimos anos o investimento estrangeiro no nosso país tem crescido sustentadamente – e irá, tudo indica, continuar a crescer – e tem contribuído significativamente para o aumento das nossas exportações de bens, como já salientei.

Grupos estrangeiros, como o Grupo Volkswagen e os grupos franceses Renault, PSA, Faurecia e Eurocast, deram uma contribuição decisiva para que o sector dos veículos e outros materiais de transporte passasse a ocupar o primeiro posto das nossas exportações. Em dois anos, as exportações de veículos de passageiros praticamente duplicaram.

Noutros sectores, igualmente campeões das nossas exportações, como o aeronáutico – a brasileira Embraer e as francesas Lauak e Mecachrome –, o dos equipamentos mecânicos, material eléctrico, electrónico e informático, e o agro-alimentar e de bebidas – a Coca-Cola, a Nestlé e os grupos franceses Bel, Danone e Lactalis –, a presença de empresas estrangeiras é marcante.

No que respeita ao agro-alimentar, é imperativo o desenvolvimento paralelo da nossa agricultura, atraindo o investimento estrangeiro para as grandes explorações agrícolas do sul do país – criando emprego, combatendo a desertificação das zonas rurais e reduzindo o défice alimentar do nosso país. E o Governo português está disso ciente.

Portugal tem procurado diversificar os seus parceiros comerciais e as suas fontes de investimento estrangeiro para fora da UE, como os EUA, a China, Angola – que dá bons sinais de recuperação e de normalização das relações bilaterais, condicionadas por eventos recentes já ultrapassados –, e o Brasil.

É de assinalar a presença, já há anos, de volumoso investimento chinês em empresas-chave da nossa economia, bem como, mais recentemente, o crescente interesse de fundos de investimento norte-americanos por importantes ativos portugueses, como os do Novo Banco – ele próprio maioritariamente detido por um desses fundos.

O sector do imobiliário tem recolhido um grande volume de investimento. Continua a ser dominante? Pela vossa experiência, o que explica o investimento em imobiliário em Portugal?

Não sei se será "dominante", e eu espero bem que não. Desejaria que o investimento imobiliário andasse, de par em par, com o investimento estrangeiro na indústria, na agricultura, na economia digital, no saber e nos serviços, e em particular com o turismo de qualidade. Sendo, naturalmente, sempre

Foto cedida

muito bem-vindo, porque tem contribuído decisivamente para a renovação urbana e a recuperação de um vasto património histórico degradado, sobretudo em Lisboa e no Porto, como há muitos anos não se via. Excessos regulatórios serão, claramente, de evitar.
Há um consenso de que regimes fiscais favoráveis, bem conhecidos de todos, explicam em grande parte esse afluxo de investimento estrangeiro no nosso imobiliário.
Mas os naturais encantos do nosso país, a estabilidade social, o clima, a segurança, a qualidade de vida, a afabilidade dos meus compatriotas, os preços razoáveis (mas que tendem a aumentar de maneira preocupante) e as infraestruturas, também contam.
O meu desejo é o de que, a prazo, franceses, e não só, permaneçam em Portugal sobretudo pelo somatório dessas qualidades intrínsecas do país e pela, espero eu, crescente prosperidade da sua economia e solidez das suas instituições, e menos por vantagens de outro tipo.

Portugal continua a saber acolher o investimento francês? Os constrangimentos detetados têm sido ultrapassados?
A nível interno, há constrangimentos e riscos de que os investidores – e os governantes – estão certamente conscientes.
É o FMI que recomenda uma melhoria da competitividade do país, com contenção dos custos do trabalho e melhoria da produtividade – em queda –, com mais investimento na formação e na inovação. Custos da energia, complexidade burocrática nas relações com a Administração Pública – ainda que com significativas melhorias em muitas áreas – e falta de mão-de-obra fluente em francês são constrangimentos frequentemente apontados.

Na sua opinião, a saída do Reino Unido da União Europeia afeta a posição relativa de França e de Portugal? Em que medida?
O Reino Unido, mesmo fora da União, é um parceiro muito importante para esta – e a União para o Reino Unido –, não só no domínio da economia mas também nos da segurança, da defesa/militar e das relações externas, nomeadamente na relação com os EUA e com alguns dos países mais importantes do Commonwealth.
Parece haver uma convicção crescente de que um acordo de saída é possível, nesta fase em que as negociações vão entrar numa fase decisiva e aparentemente final. E de que a senhora Theresa May será capaz de convencer os seus pares conservadores mais renitentes e cépticos, e de ter o apoio de uma maioria na Câmara dos Comuns que ratifique o acordo. Com o risco, pouco risonho para a Europa, de o seu Governo cair e a Grã-Bretanha passar a ser governada pelo senhor Corbyn.

O que espera a CCILF da economia portuguesa este ano e no próximo?
Numa palavra, porque a verdadeira resposta seria muito longa: que cresça mais e que reduza progressivamente a dívida.
E que não surjam fatores externos inesperados desfavoráveis que a condicionem.

Como tem evoluído a CCILF em números de associados e em iniciativas organizadas?
A CCILF continua a ter cerca de 600 associados. E continuamos a realizar a nossa missão fundamental de apoio às empresas francesas e portuguesas que queiram estabelecer laços comerciais e implantar-se nos dois países.
Seminários, conferências e almoços ou pequenos-almoços debate são, igualmente, parte da nossa atividade de 'animação'.
Com regularidade, temos reunido, ou vamos reunir, pessoas e oradores no tratamento de temas como a indústria automóvel, a indústria aeronáutica, o emprego/recrutar em Portugal, as energias renováveis, como investir em Portugal e o imobiliário/turismo. E estamos sempre à procura de novos temas e de novas ideias que sejam atuais e úteis para os nossos participantes.
Os troféus continuarão a ser um dos nossos acontecimentos marcantes. Acrescentámos, a partir deste ano, mais um troféu, o "Troféu Start-Up".
Temos procurado alargar a nossa atividade, ou pelo menos o conhecimento da mesma, a outras cidades e regiões do país, que não apenas Lisboa e Porto.
E renovámos a nossa sede em Lisboa, na Avenida da Liberdade, por forma a torná-la mais acolhedora e funcional. ●

Troféus fazem 25 anos a olhar para o futuro

Empresas que participam como concorrentes e patrocinadores sublinham a importância da iniciativa da CCILF para o reconhecimento da sua atividade.

MANUEL RIFER
mrifer@jornaleconomico.pt

Os Troféus da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa (CCILF) comemoram um quarto de século. Quando questionamos Carlos Aguiar, presidente da CCILF, sobre as "bodas de prata" desta iniciativa, ele aponta para o futuro e para as "bodas de ouro", a comemorar em 2043. "Como o evidenciam estes 25 anos, haverá troféus mesmo quando a permanência de franceses – atraídos ou não por vantagens fiscais, ou pelo investimento, ou pelo turismo, ou pelas trocas comerciais – acontecerem em alturas menos favoráveis às que temos experimentado nos últimos anos", afirma Carlos Aguiar.

Para as empresas, é importante participar, como concorrentes a cada um dos prémios, mas também como patrocinadores desta iniciativa. "É extremamente importante para as empresas participarem" nestes Troféus, diz ao Jornal Económico o director-geral da Rubis Energia Portugal, Arnaud Havard. "Estas iniciativas acrescem às empresas a credibilidade de que precisam para o reconhecimento público do bom trabalho que já fazem todos os dias, premiando-as pelo seu esforço", explica.

A Rubis participou, como candidata, em 2015, e volta a participar agora, como patrocinadora. "[Foi importante] quando ganhámos esta categoria [Troféu Investimento], sendo-nos reconhecido o forte investimento feito em Portugal. Daí querermos patrocinar este prémio para dar o exemplo, incentivando as empresas para o investimento, em especial, as empresas portuguesas que apostam na exportação e na internacionalização dos seus produtos para França e vice-versa", aponta Havard.

Ricardo Oliveira, diretor da Renault, refere que participar nos Troféus da CCILF é uma forma de as empresas se darem a conhecer. "E mesmo que tal conhecimento possa não chegar de forma ampla ao grande público, chegará sempre aos decisores de outras empresas, várias deles com um papel importante na economia nacional", aponta, acrescentando que "é curioso ver que aos Troféus da CCILF concorrem empresas de grande dimensão, solidamente implantadas nos respetivos mercados e empresas de dimensão bem menor, muito pouco conhecidas fora do seu âmbito de atividade. Empresas industriais, empresas de serviços, empresas da economia digital".

"Esta diversidade é extremamente rica e todas as empresas são valorizadas pelos méritos dos seus projetos e não pela sua dimensão", sublinha Oliveira.

É uma "alavancagem extra" de que as empresas dispõem "para promoverem o seu trabalho junto de parceiros, clientes e de potenciais clientes, melhorando as suas hipóteses de investimento e de crescimento do negócio. Além disso, são também importantes no contexto da captação e retenção do talento, servindo de fonte de motivação e inspiração para os colaboradores das empresas, tornando-as mais atrativas quando recrutam. Iniciativas como esta são, sem dúvida, uma aposta ganha", acrescenta Arnaud Havard.

> "É extremamente importante para as empresas participarem" nesta iniciativa, diz o diretor-geral da Rubis Energia Portugal, Arnaud Havard

Os responsáveis da Vigobloco, que concorre ao Troféu Exportação, explica que decidiu investir na exportação para França, em 2015, "por este ser um mercado com potencial de crescimento". O resultado é reconhecido: "O mercado de exportação representou no último triénio 24% do volume de negócios da empresa, tendo o mercado francês, no ano transato, representado cerca de 42% do volume de vendas global". O que esperam dos Troféus? "Que acrescente valor à nossa marca, pelo nosso trabalho e dedicação", dizem.

Importância reconhecida

Carlos Aguiar, em declarações ao Jornal Económico, aponta que, neste marco dos 25 anos, "é devida uma palavra especial de apreço a toda a equipa da Câmara [de Comércio e Indústria Luso-Francesa] e ao seu director-geral. Sem o empenho e o trabalho deles, esta iniciativa não teria a qualidade e a notoriedade que lhe são reconhecidas".

O reconhecimento é factual. O diretor-geral da Rubis Energia diz que, desde a sua fundação, a CCILF tem "multiplicado esforços para promover as trocas comerciais entre Portugal e França, promovendo e estimulando as relações empresariais entre os dois países. Os Troféus Luso-Franceses são prova disso". Por isso, pelo terceiro ano consecutivo, "a Rubis Energia patrocina o Troféu Investimento, categoria que venceu em 2015 enquanto empresa francesa que realizou um forte investimento em Portugal".

Ricardo Oliveira alinha pelas mesmas notas: "A Renault está associada há vários anos aos Troféus da CCILF e essa ligação de longa data é o melhor testemunho da importância que damos à iniciativa e, desde logo, ao facto de estes Troféus premiarem projetos e atividades empresariais que são relevantes para o desenvolvimento económico dos dois países e das empresas envolvidas". ●

Corrida para os Troféus de 2018 da CCILF entra na última etapa

São 18 empresas que disputam o reconhecimento em seis diferentes categorias e que são exemplo da relação entre Portugal e França. Vencedores vão ser conhecidos na gala de 27 de setembro.

A 25ª edição dos Troféus da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa (CCILF) está em plena evolução, que culminará com a cerimónia de 27 de setembro, que contará com a presença dos ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, do embaixador de França em Portugal, Jean Michel Casa, mas, também, desta vez, com o embaixador de Portugal em França, Jorge Torres Pereira.

Agora, é tempo de conhecer a lista das 18 empresas finalistas aos Troféus Luso-Franceses 2018, a iniciativa que procura "reconhecer o esforço e o sucesso de empresas portuguesas e francesas no desenvolvimento de estratégias e investimentos em Portugal e França".

As candidaturas decorreram até 30 de agosto e qualquer empresa, portuguesa ou francesa, pôde inscrever-se, independentemente da área de atividade ou dimensão e sem obrigação de ser associada da CCILF

As finalistas foram escolhidas por um júri independente, que integra representantes da AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, do IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação, Conselheiros do Comércio Exterior, empresários, patrocinadores e parceiros do evento. Em causa estão seis diferentes troféus, em outras tantas categorias, e ainda um sétimo troféu, especial, atribuído pelo júri.

Os seis troféus e as 18 candidatas

As empresas nomeadas para o Troféu Exportação são: a Domingos Diniz & Filhos, empresa que se dedica ao fabrico e venda de alçapões técnicos; a Novadelta, responsável pela marca Delta Cafés; e a Vigobloco – Pré-Fabricados, SA, que produz e monta soluções pré-fabricadas de betão.

Quanto ao Troféu PME, este vai ser disputado pela Domingos Diniz & Filhos; Mediapost, empresa de prestação de serviços de distribuição postal; e a Space Inverters, que se dedica ao *design* e arquitetura.

Já na categoria Investimento as empresas nomeadas são: Lauak Portugal, que opera no setor da produção de componentes para a indústria aeronáutica; Natixis (sucursal em Portugal), com atividade de programação informática; e Purever Industries, SGPS, SA, fabricante de produtos de isolamento e refrigeração.

O Troféu Inovação conta com a participação da Cobermaster, indústria transformadora metálica; Novadelta; e Vista Alegre, fábrica de porcelana portuguesa.

As empresas selecionadas para o Troféu Desenvolvimento Sustentável são a Blu Karb Portugal, Lda., produção de carvão de madeira, reflorestação; a Extruplás Lda., que recicla e produz produtos de plástico; e a Novadelta.

No Troféu Startup, os nomeados são a Eotim Unipessoal, Lda., empresa de recrutamento; a Lisbob, *startup* que presta apoio à expatriação; e a Luxury Clovers, Lda., que se dedica à construção modular.

O Troféu do Júri, galardoa ainda uma empresa/projeto francês ou português que se tenha destacado num dos dois mercados.

> **A iniciativa procura "reconhecer o esforço e o sucesso de empresas portuguesas e francesas no desenvolvimento de estratégias e investimentos em Portugal e França"**

Diz a CCILF que esta edição dos Troféus Luso-Franceses "realiza-se num cenário económico que comprova, cada vez mais, a importância da relação comercial entre os dois países. Em termos económicos, França é um parceiro de primeira importância para Portugal: é o primeiro investidor estrangeiro em Portugal em termos de valor acrescentado e o segundo relativamente ao número de empresas, de trabalhadores e de volume de negócios".

Os vencedores, como referido, vão ser conhecidos na Gala dos Troféus 2018, a ter lugar no Sud Lisboa, a 27 de setembro. ● *MR*

PUB

VICTORIA
Uma empresa do Grupo Segurador SMA

A inovação
está no seu ADN?

No nosso também.

A VICTORIA Seguros quer dar os parabéns a todas as Empresas que fazem da inovação um dos elementos do seu ADN.

VICTORIA Seguros.
Pelo 3º ano consecutivo, Patrocinador Oficial dos Troféus Luso-Franceses 2018.

www.victoria-seguros.pt

VICTORIA - Seguros, S.A. - Av. Liberdade, 200 1250-147 Lisboa Portugal
Telf. 21 313 41 00 Fax. 21 313 47 00 - Matrícula C.R.C. Lisboa e NIPC 506 333 027
Capital Social EUR 34.850.000

25 anos/ans
TROFÉUS LUSO-FRANCESES
TROPHÉES LUSO-FRANÇAIS
2018

PUB

A RUBIS PATROCINA OS TROFÉUS LUSO-FRANCESES 2018

TROFÉU INVESTIMENTO

A 25ª edição dos prémios da Câmara do Comércio e Indústria Luso-Francesa conta, uma vez mais, com a presença da Rubis como patrocinadora do Troféu Investimento.
Esta categoria, que a Rubis venceu em 2015, recompensa o sucesso dos investimentos das empresas em Portugal ou em França, promovendo as relações comerciais entre os dois países.

25 anos/ans
TROFÉUS LUSO-FRANCESES
TROPHÉES LUSO-FRANÇAIS
2018

RUBIS
Energia Portugal
A energia que nos inspira